

## “QUANTO CUSTA UMA PETECA?”: PIBID E UM CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Giovana Zumpichiatti Carrarini <sup>1</sup>  
Katherine Gonçalves da Costa <sup>2</sup>  
Felipe Lameu dos Santos <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A qualidade da formação inicial no curso de Educação Física é um fator determinante para que o futuro profissional esteja devidamente preparado para sua atuação. Entretanto, segundo Holanda e Silva (2013), pesquisas apontam que essa formação tem sido insuficiente, uma vez que os professores não se sentem preparados para atuar e lidar com as problemáticas do cotidiano no ambiente escolar. Pois, em geral, o currículo de formação é baseado em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem nexos com a realidade, prejudicando a formação do licenciando na atuação em escolas (LIMA; PIMENTA, 2010).

Perante o exposto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa que busca antecipar o vínculo dos discentes com as salas de aula de rede pública, para que, quando graduados, possam se comprometer com o exercício de lecionar em rede pública (MEC, 2023). Diante disso, os discentes de licenciatura em Educação Física aptos à Iniciação à Docência devem atuar por meio de estágio em escolas da rede pública de ensino durante sua formação acadêmica, experimentando diferentes espaços culturais, socioculturais e socioeconômicos.

O presente relato tem como objetivo apresentar as experiências pedagógicas vivenciadas por duas pibidianas em uma escola da Rede Federal de Ensino, localizada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, em turmas de 3º ano do Ensino Fundamental, levando em consideração o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) como um currículo cultural<sup>4</sup> nas aulas de Educação Física. Conseqüentemente, visando a formação crítica, reflexiva e com

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [giovanacarrarini@gmail.com](mailto:giovanacarrarini@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRJ, [ehtak88@gmail.com](mailto:ehtak88@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Educação Física do Colégio Pedro II, Doutor em Educação, [felipelameu@gmail.com](mailto:felipelameu@gmail.com)

<sup>4</sup> Segundo Marcos Neira; O currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, a interpretação, o questionamento e o diálogo entre as culturas e a partir delas (NEIRA, 2011).

potencial de promover mudanças na educação básica na realidade educacional nas redes públicas de ensino.

## **METODOLOGIA**

Este resumo expandido trata-se de um relato de experiência sobre a participação de discentes em Licenciatura em Educação Física no PIBID. O Relato de experiência (RE) é um tipo de produção de conhecimento referente à vivência acadêmica e/ou profissional na formação universitária, apresentando embasamento científico e reflexão crítica (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). Os mesmos autores defendem o RE como construção de conhecimento baseado em descrições informativas, referenciadas, dialogadas e críticas que são necessárias para a relevância no meio acadêmico.

A coleta de dados foi gerada por meio de um diário de campo desde o início do programa. Tal diário desempenha um papel fundamental, pois é por intermédio do mesmo que são registrados os acontecimentos e vivências durante as aulas. Portanto, as perspectivas, sensações e dificuldades sobre a experiência de atuar no meio escolar pode ser analisada e avaliada por meio do diário de campo. Dessa forma, tal recurso metodológico contribui para a autoavaliação, permitindo a solução de modificações necessárias para a melhoria das aulas e adoção de novas abordagens de ensino-aprendizagem.

As percepções feitas nas aulas foram relatadas no diário e, a partir disso, foram dialogadas e discutidas nos encontros presenciais com os demais bolsistas juntamente à Coordenadora e Professores Supervisores. Tal método permite o compartilhamento de experiências e sensações obtidas nas aulas ministradas pelos Professores.

Além disso, foram realizadas reuniões online entre os pibidianos e o supervisor para discutir as demais vivências e a elaboração do planejamento dos planos de aula. A análise de dados ocorreu ao decorrer das discussões nos encontros, pelos debates realizados e da bibliografia lida e discutida junto com os demais bolsistas e supervisores.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A primeira visita à escola ocorreu no dia 31 de junho de 2023. Com o início efetivo nas participações das aulas, foi possível destacar como primeira impressão o ambiente escolar. Local bem estruturado, salas de aula amplas e atrativas para as crianças, disponibilidade de laboratórios de ciência e informática, jardim sensorial, piscina e também de um ambiente para a inclusão de todas as crianças com necessidades específicas, chamado de NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas). Além disso, a quadra é um espaço

amplo e coberto, pintado e devidamente marcado, na qual há um espaço para os diversos materiais de Educação Física, materiais que geralmente não são encontrados em escolas da rede pública. Outro fato interessante sobre a quadra é a inexistência de traves de futebol ou de cestas de basquete fixas, já que o colégio possui tais equipamentos móveis.

No primeiro trimestre, período que trata este relato, o 3º ano trabalhou jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africanas, proporcionando-os a oportunidade de conhecer a cultura desses povos por meio de diferentes brincadeiras e suas origens e, conseqüentemente, aprenderem de um ponto de vista histórico a importância desses povos para a construção da cultura Brasileira.

Ao longo desses 2 meses iniciais do Programa, ocorreram 6 aulas ao todo no núcleo. Ao fazer uma comparação, as brincadeiras de origem africana foram mais trabalhadas em relação às de origem indígena, que será o foco central do próximo trimestre. No geral, as aulas tiveram como objetivo proporcionar vivências que envolvam práticas corporais características de grupos não hegemônicos e reconhecer a existência de diferentes identidades culturais e suas relações com os contextos socioculturais.

De acordo com esses objetivos, no primeiro encontro, por exemplo, foram trabalhadas as brincadeiras africanas com origem na Nigéria, Moçambique e Egito, respectivamente. São elas: Pulando feijão, Terra mar e Pegue o bastão. A primeira se trata de uma brincadeira na qual os alunos formam uma roda ao redor do professor, enquanto o mesmo gira no mesmo eixo com uma corda e uma sacola com “feijões” amarrada na ponta. Os alunos devem pular sem sair do lugar para evitar que o saco de feijões esbarre nos seus pés; A segunda relembra o vivo morto, em que o local de terra e mar são determinados e ao comando do professor, os alunos devem pular para o mar ou para a terra); Já a última, de forma gradual, os alunos são selecionados para entrar na roda e tentar pegar o bastão do colega ao lado sem que ele caia.

Por se tratar de uma turma agitada, a última brincadeira citada pode parecer impossível de ser executada com sucesso. Porém, nesse caso, “Pegue o bastão” foi um sucesso entre as crianças, pois em vez de não demonstrarem interesse, elas se concentraram totalmente e fizeram da missão de não deixar o bastão cair a mais importante naquele momento. Tal acontecimento apenas reforça que a capacidade de uma turma vai muito além do que ela aparenta oferecer.

A partir de uma conversa com o professor, foi comentada a seguinte questão feita por um aluno durante uma das aulas: “Quanto custa uma Peteca?”. Daí surgiu a ideia da confecção de uma peteca na aula seguinte, assim foi elaborado o primeiro plano de aula para que os alunos pudessem confeccionar cada um a sua própria peteca. Um fato interessante foi a questão do material utilizado nessa atividade (TNT, barbante, fita, papel e pena) que foi providenciado pela

escola. A pergunta do aluno apenas reflete seu pensamento da impossibilidade de criar uma peteca com materiais simples e acessíveis, e essa aula contribuiu justamente para a mudança desse pensamento.

A construção da peteca se encaixou muito bem na progressão das aulas ministradas pelo Professor Supervisor, já que a peteca é um brinquedo de matriz indígena e está interligada com o cotidiano por se tratar de um brinquedo que vende em qualquer loja de brinquedos infantis. Sendo assim, o caminhar da aula se estendeu por essa linha de raciocínio contextualizando o brinquedo com a brincadeira e sua origem, ao mesmo tempo que os alunos ficaram livres para criar suas próprias brincadeiras com o objeto.

Ao final do trimestre, em reunião com o Professor Supervisor, foi sugerido que realizássemos nas aulas uma atividade avaliativa em que os alunos pudessem montar ou criar algo. Assim, foi pensado e discutido um plano de aula em que os alunos pudessem se expressar e que os professores pudessem avaliar os alunos e suas percepções. Diante disso, a atividade principal consistiu na criação de uma história em quadrinho sobre as brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas das quais os alunos participaram desde o primeiro dia de aula do trimestre.

Essa atividade teve como objetivo analisar de forma criativa a percepção dos alunos diante dos conceitos étnico-cultural por meio da ludicidade das brincadeiras propostas no decorrer do período. Dessa forma, as histórias puderam ser realizadas por meio de desenhos, textos e suas apresentações. Ao final da construção da atividade foi realizada uma roda para a exposição dos trabalhos para que os alunos pudessem contar aos outros as suas percepções de matrizes indígenas e africanas relacionada às atividades realizadas em aula. Muitas dessas histórias incluíam um ou mais colegas, o que foi interessante no processo de criação, já que os alunos conversavam entre si sobre as atividades e sobre como iriam encaixá-las em suas artes.

Após a aplicação do plano, foi realizada uma reunião para a análise das histórias. Com isso, foi possível concluir que uma das atividades mais mencionadas foi a confecção da peteca. Em vista disso, a construção do planejamento das aulas do próximo trimestre será voltada para as matrizes indígenas com foco em atividades manuais nas quais os alunos possam construir, criar e se expressar diante dos conceitos culturais indígenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A introdução de brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas promove a compreensão e reflexão crítica sobre a aplicação dessas atividades nas aulas de Educação Física na educação básica. A execução dessas atividades representa uma relevância para a formação

cultural, histórica e social dos alunos. Da mesma forma, introduzir diferentes culturas nas aulas de Educação Física escolar é indispensável para que os alunos possam vivenciar essas práticas e elas possam despertar cada vez mais a curiosidade pelas tradições e histórias desses povos. Ademais, o desenvolvimento de tais brincadeiras promove a valorização da diversidade cultural e respeito às diferentes manifestações culturais presentes na sociedade.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Currículo Cultural, Identidade Cultural, Matrizes indígenas e africanas.

## REFERÊNCIAS

HOLANDA, Dorghislany Souza; SILVA, Camila Sibelle Marques da. A contribuição do PIBID na formação docente: um relato de experiência. **Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática**, p. 1-10, 2013.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poésis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2010.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de; *et al.* Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4-28, 2011.